

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

CORPO-TRILHAR: IMAGENS, DISPOSITIVOS E APRENDIZAGENS

Débora Steffen

Universidade do Estado de Santa Catarina
desteffen007@gmail.com

Guilherme de Abreu Machado

Universidade do Estado de Santa Catarina
guilherme.machado@edu.udesc.br

Ana Maria Hoepers Preve

Universidade do Estado de Santa Catarina
anamariapreve@gmail.com

Resumo

O trabalho realiza-se junto ao programa de extensão “Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino” e articula a perspectiva das cartografias intensivas em educação com os referenciais contra coloniais e da filosofia da diferença: Ailton Krenak, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Donna Haraway. As experimentações praticadas aqui resultam da criação no processo de gravação do audiovisual intitulado “corpo-trilha” numa unidade de conservação de Santa Catarina. As experimentações abrem caminhos para práticas educativas menos prescritivas e mais aliancistas, nas quais o processo, marcado por incertezas e reinvenções, é tão vital quanto o produto final.

Palavras-Chave: cartografias intensivas em educação; educação ambiental em deriva; processo de criação de audiovisual.

Introdução

A presente escrita é fruto dos encontros proporcionados pelo programa de extensão “Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino”. É a partir desse programa que entramos em composição com o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST)¹ e com um modo de pensar e ver o mundo que abre espaço para experimentações dentro e fora dos portões da universidade. Desse fazer-experimentando emergem práticas que fazem do corpo espaço de criação e recriação de formas e mundos. Vivenciamos encontros e descobrimos sociabilidades outras, devires-mundo que escapam das convenções

¹ Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, maior unidade de conservação do estado de Santa Catarina, cobre cerca de 1% do território catarinense e abrange áreas dos municípios de Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Paulo Lopes e Garopaba, além das ilhas do Siriú, dos Cardos, do Largo, do Andrade e do Coral, e os arquipélagos das Três Irmãs e Moleques do Sul.

antropocêntricas e suas narrativas colonizantes, em favor de uma ética de convergência com a multiplicidade da vida e seus (in)visíveis detalhes, que tanto nos interessam.

Desses enredamentos nasceram dois projetos audiovisuais: O Ecoar da Terra (2024)² e corpo-trilha (2024), mas buscamos aqui articular as implicações de corpo-trilha somente. São trabalhos frutos de envolvimento, aberturas e encontros vividos ao habitar o “não sabido”, perder-se com atenção e trilhar caminhos político-afetivos que reverberam em nossa formação e prática como estudantes e educadores. Podemos dizer que essas experiências audiovisuais são dispositivos de envolvimento com a terra, pois funcionam como meios de desaceleração do tempo, permitindo focar nos detalhes e encontrar outros modos de fazer-sentir parte dela.

Para realizar os curtas, criamos diversos meios de gravação, para o dia e para a noite, com ângulos, câmeras e tempos de filmagem que escapam das convenções cinematográficas. Recorremos também à animação em stop motion a partir de colagens e múltiplas experimentações com trilha sonora e edição. Ao longo do processo fomos inventando dispositivos diversos, estratégias que surgiram no próprio movimento da criação. Nossa intenção, aqui, é evidenciar os aspectos inventivos e intensivos que o aprender-fazendo nos proporcionou.

Os detalhes importam

Link para o audiovisual corpo-trilha:

<https://www.youtube.com/watch?v=-tVIIT03FXA>



² Curta metragem produzido e apresentada no contexto disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III Disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Geografia da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ez9AQNu0Zvw&t=214s>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

No Bicho Geográfico aprendemos a ler com o corpo inteiro. A separação entre mente e corpo não encontra espaço em nossas prática-ações. Quando lemos juntos em voz alta, nos tornamos conscientes de nossas respirações, nervosismos e movimentos. É um exercício de sentir os silêncios, de apreciar as vírgulas e os pontos. Diferente de quando a leitura é tratada apenas como tarefa utilitária, um checklist a ser cumprido, aqui lemos para desacelerar, para perder tempo, para nos deixar atravessar pelo texto. Ler torna-se uma prática de envolvimento, um gesto de pausa que cria folgas no tempo.

O PAEST foi nossa casa, lá encontramos com uma educação ambiental em movimento, um lugar privilegiado no sentido de abertura para conexões-ativas. Para além de um parque de preservação é meio de ligação entre universidades, escolas, órgãos ambientais, comunidades tradicionais, comunidades de bairro, além dos visitantes de diferentes segmentos de interesse. Onde há saberes em circulação, encontros, experimentações, formações, residências, onde o comum pode manter-se emerso por meio da aliança.

Figura 1: Imagem autoral tirada em um encontro de formação no PAEST.



Fonte: Machado (2025).

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Lá entramos em contato direto com a ideia de desaceleração, cada trilha, formação e momento que percorríamos era espaço para deixar de lado a rotina da velocidade urbana e a tentativa de prolongar essa desaceleração. Através da criação deste audiovisual buscamos imagens que se detivessem nos detalhes das trilhas do PAEST. Pequenos pedaços que, por si só, nos convidasse a parar por alguns instantes e ouvir o que a terra tem a dizer. Os detalhes importam, pois, como lembra Haraway (2023), são eles que nos vinculam às responsabilidades reais. Por isso, nossa câmera era sempre apontada para um fragmento: uma folha, uma aranha, uma formiga, um galho, uma flor, um musgo, um caule. Gravávamos trinta segundos de cada detalhe, acreditando que cada abertura poderia se desdobrar em outras conexões. Até mesmo nas filmagens noturnas a busca era pelos detalhes, mesmo que estes estivessem (in)visíveis.

Figura 2: Imagem autoral tirada nas gravações diurnas no PAEST.



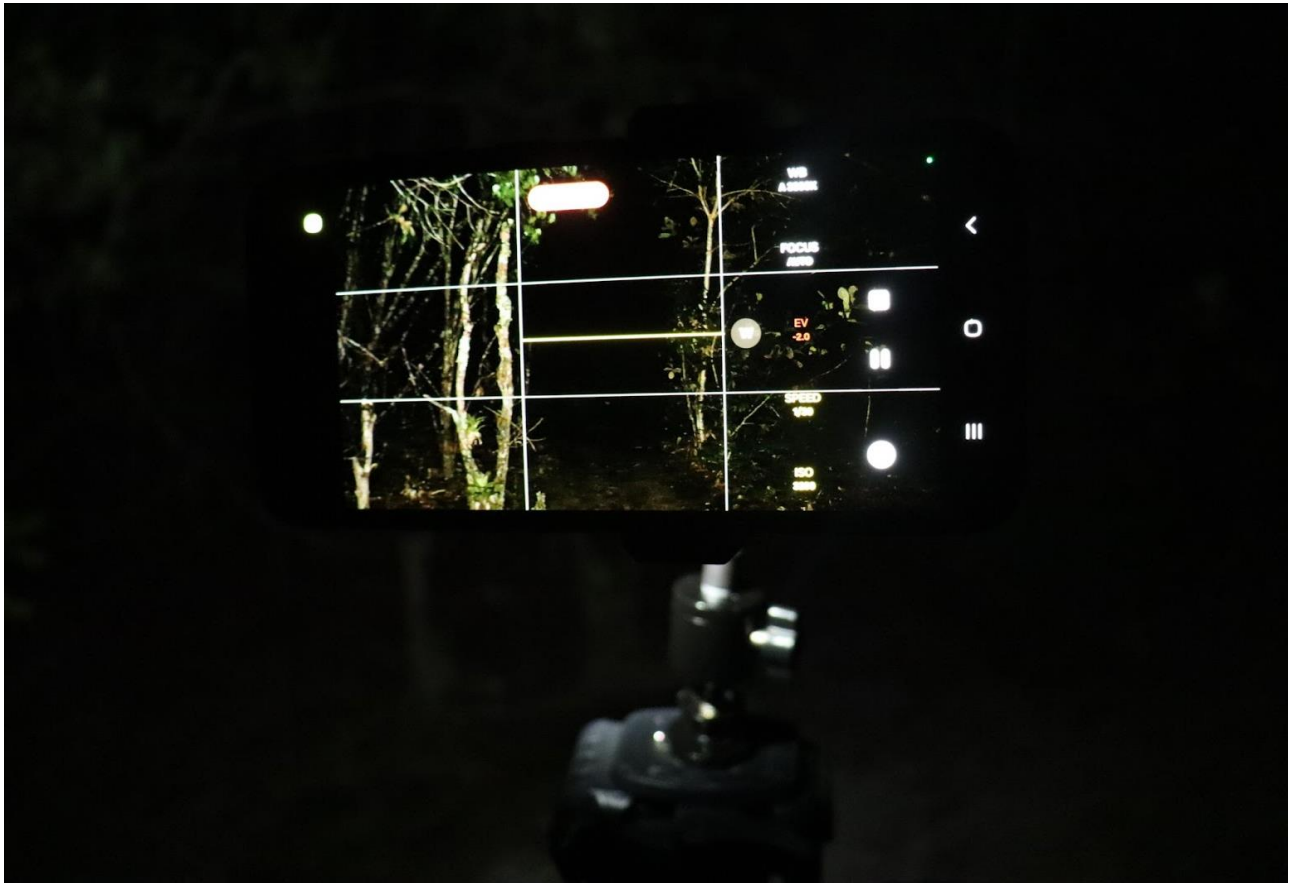
Fonte: Steffen (2024).

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Filmar a noite, exigiu ainda mais invenção. Queríamos registrar outras formas de fazer a trilha, sem a luz do sol. Contudo, ao ligar a câmera, nada. O escuro, os ventos fortes e as nuvens que encobriam o céu nos lembraram que a noite não se deixa capturar facilmente. O flash ofuscava e tirava o sentido das imagens. Restou-nos reinventar em campo. Deixamos a câmera profissional de lado e recorremos ao celular, às lanternas para fazer um jogo de sombras com a luz. Nesse improviso, foi o som que ganhou protagonismo: o coaxar dos sapos, o farfalhar das folhas e os insetos compondo melodias com o vento. Descobrimos que a noite se revela menos pelo que mostra e mais pelo que faz ouvir. A noite é sempre sobre algo que a gente não sabe.

Figura 3: Imagem autoral tirada nas gravações noturnas no PAEST.



Fonte: Steffen (2024).

Depois de reunir imagens do dia e da noite, sentimos que ainda precisávamos experimentar outros modos de narrar. Foi então que partimos para o *stop motion*³, construindo uma animação a partir de colagens. Organizamos figuras em um fundo de papel e, a cada movimento, uma fotografia. Nesta sequência, a animação surgia, uma colagem que se metamorfoseava. Inspirados por Emanuele Coccia (2020), compreendemos que assim como a vida, também nossas imagens não eram fixas, cada corte era o nascimento de um novo ser, cada fragmento ressurgia em outra forma. Nossos papéis rasgados, remontados e animados tornaram-se puro exercício de metamorfose, lembrando-nos que viver é estar em contínua transformação.

Figura 4: Colagem autoral, utilizada no audiovisual corpo-trilha.



Fonte: Elaboração própria.

³ *Stop motion* é um tipo de animação em que objetos físicos são fotografados em pequenas posições ajustadas, criando uma ilusão de movimento quando as imagens são mostradas na sequência. Você posiciona o objeto, tira uma foto, move ele um pouquinho, tira outra foto, e repete o processo. Ao juntar essas fotos e exibi-las rapidamente, parece que o objeto ganhou vida.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Figura 5: Frame da animação em *Stop-Motion* utilizada no audiovisual corpo-trilha.



Fonte: *print screen* do audiovisual corpo-trilha (2024).

Assim como aponta Belinaso (2010), quando pensamos a educação ambiental como dispositivo, estamos diante de estratégias narrativas que não apenas documentam uma realidade já dada, mas criam condições de possibilidade para que novas realidades e sensibilidades emergjam. No *corpo-trilha*, nossas câmeras, colagens, sons e pausas funcionaram também como dispositivos pedagógicos, máquinas de ver e ouvir que ativaram outros mundos possíveis. Se, nos trabalhos analisados por Belinaso, a fotografia permitia que moradores e crianças narrassem de maneira diferente parques e bosques urbanos, em nosso caso, a filmagem de trinta segundos de um detalhe ou a captura dos ruídos da noite abriram brechas para reinventar o que entendemos por trilha, por corpo e por terra. Cada detalhe gravado não era apenas registro, mas um gesto de deslocamento das narrativas naturalizadas sobre a natureza, expandindo os modos de sentir e habitar os lugares.

Podemos compreender o corpo-trilha também como dispositivo nesse sentido mais amplo, como propõe Preve (2023), não apenas um procedimento técnico, mas um conjunto de regras frágeis abertas ao acontecimento. Nossas escolhas de gravar trinta segundos de uma folha, insistir nos ruídos da noite ou animar colagens em stop motion funcionaram como chão provisório, mas foi o inesperado que deu corpo ao processo. Preve lembra que o dispositivo opera na realidade não para controlar, mas para permitir que algo novo atravesse o pesquisador. Esse mesmo movimento aparece nos experimentos descritos por Wenceslao e Rigotti (2023) quando propuseram às educadoras da educação infantil o dispositivo de “filmar 30 segundos com a câmera fixa e paralela ao chão”, regra simples que ao ser praticada logo se abriu a variações inventivas como filmar o céu em vez do chão ou girar a câmera. Tanto em nossos percursos quanto nos deles o dispositivo não encerra a prática, mas a dispara, sustenta para que se possa soltar e deixa que a vida e seus devires imprevistos tracem o rumo das imagens.

Todos esses processos, convergem para o que chamamos de *corpo-trilhar*. Mais que um curta-metragem, trata-se de uma experiência de desaceleração. Um convite para que quem assista possa, pouco a pouco, sentir-se parte das trilhas, compondo-se com a terra. Pois, como nos lembra Ailton Krenak (2023), o envolvimento é o contrário da indiferença, e a indiferença é estar morto em vida. *corpo-trilhar* é, portanto, um exercício de permanecer vivo envolvendo-se profundamente com o mundo e com as metamorfoses que ele insiste em nos oferecer.

Se, como afirma Coccia (2020), toda vida é apenas uma metamorfose contínua de outras vidas, então nosso audiovisual também se torna um espaço de passagem. Um detalhe da trilha filmado por trinta segundos já não é apenas detalhe, mas abertura para outros devires, uma pausa no tempo que se prolonga como experiência sensível, uma ligação invisível entre corpos e mundos. Essa lógica da metamorfose nos aproxima também de Deleuze e Guattari (1995) quando propõem experienciar o mundo a partir das linhas de fuga, dos movimentos que escapam das formas rígidas e instituídas. O corpo, a trilha e o audiovisual se fazem em meio a esses fluxos, rizomaticamente, criando conexões inesperadas que viram composições. Não houveram centros fixos nem roteiros definidos, apenas processos que se inventaram no encontro.

Em meio a esses deslocamentos, a própria ideia de educação ambiental é desestabilizada e por isso deriva do lugar dogmático. Não falamos de um acúmulo de informações sobre a natureza, mas de uma experiência aliancista com ela. Aqui, ressoa Krenak (2019, p.32), ao lembrar que precisamos “suspender o céu” ampliando nossos horizontes existenciais e imaginar outros modos de viver, capazes de prolongar a existência da Terra e não apenas do humano. Ao corpo que trilha, cabe escutar o chamado da vida em suas múltiplas formas, deixar-se afetar e reinventar sociabilidades mais ressonantes com o comum.

Considerações finais

Ao longo deste percurso, experimentamos modos de fazer que escapam das práticas convencionais da educação ambiental e da produção audiovisual. Entramos em outro ritmo, junto com o curta fomos chamados a desacelerar e a escutar. Foram nesses entrelaçamentos que descobrimos que as imagens não apenas registram o mundo, mas criam outros mundos, abrindo passagens para modos outros de habitar a terra. *corpo-trilha* mostrou-se mais do que um curta-metragem, foi campo de metamorfoses, de linhas de fuga e de aprendizagens com efeitos anarquizantes (CORREA, 2006, p.185). Cada detalhe nos revelou que a vida se reinventa em pequenas variações, e que a educação ambiental pode ser pensada menos como transmissão de conteúdos e mais como experiência de envolvimento e invenção.

Nessa dobra textual do processo, o conceito de dispositivo, conforme discutido por Belinaso (2010) e Preve (2023), ajudou-nos a compreender que nossos gestos compartilhados foram mais do que escolhas técnicas. O dispositivo, entendido como condição inicial de abertura ao acontecimento, sustenta práticas que não buscam controlar, mas permitir que a vida atravesse e desestabilize, abrindo espaço para novas sensibilidades. Podemos, assim, afirmar que pensar com as imagens, não é apenas refletir sobre aquilo que vemos, mas deixar-se afetar pelos modos como elas nos envolvem e transformam. Ao fazer-ver com *corpo-trilha*, nos colocamos em relação com a multiplicidade da vida e reconhecemos que é nesse envolvimento profundo e não na indiferença que reside a possibilidade de prolongar as existências do mundo.

Há um tempo atrás, antes dessa produção, conhecemos um educador ambiental parceiro do PAEST. Ele mora em uma caverna com a vista do vale da utopia⁴ a mais de 30 anos. Esse morador da caverna nos disse em uma roda de conversa que gosta muito de escutar atentamente os sons da floresta. Na época ficamos encantados com aquela afetividade tão radical com o lugar. A partir deste encontro fomos procurando aberturas para escutar o que a terra tem a dizer, ficamos com essa ideia e ela segue perto de nossos corações e com os trabalhos que fazemos. Agora escrevendo estas linhas não podemos deixar de lembrar deste encontro, pois a experiência áudio-sensível que é *corpo-trilha* trata-se disso: convidar para uma educação ambiental que faça da escuta radical do mundo a força para anarquizar o que é instituído e abrir espaço para outras maneiras de existir.

De um título, *corpo-trilhar* vira verbo e uma pragmática de trabalho em educação ambiental.

Referencias

⁴ Vale da Utopia, localizado em Palhoça - SC, entre as praias da Guarda do Embaú e da Pinheira, no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Na ocasião fizemos a trilha da Toca da Ripina para experimentar as primeiras gravações do projeto audiovisual O Ecoar da terra.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

BELINASO, Leandro Guimarães. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. In: Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 5, n. 1 – pp. 11-26, 2010.

COCCIA, Emanuele. Metamorfoses / Emanuele Cocia; desenhos de Luiz Zerbini; tradução Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro; Dantes Editora, 2020.

CORRÊA, Guilherme Carlos. Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo; Cortez, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

HARAWAY, Donna. Ficar com o Problema: Parentescos na Chthuluceno. Traduzido por Ana Luiza Braga, São Paulo: n-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo / Ailton Krenak - 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Um rio um pássaro / Ailton Krenak; pintura da capa Tihuana Yaira Yanomami; tradução Yoshihiro Odo. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.

PREVE, Ana Maria Hoepers. UMA PESQUISA COM A REDE IMAGENS, GEOGRAFIAS E EDUCAÇÃO: TRAÇAR UM PROCEDIMENTO-ACONTECIMENTO. VII Colóquio Internacional dispositivos A educação pelas imagens e suas geografias Natal (UFRN), 2023. Disponível em:

https://www.geoimagens.net/files/ugd/447a17_c94f6915da0243d091dd53ad8166c745.pdf Acesso em:

15/08/2025